

# **POEMA SUJO**

**FERREIRA  
GULLAR**

**Círculo do Livro**

turvo turvo  
a turva  
mão do sopro  
contra o muro  
escuro  
menos menos  
menos que escuro  
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo  
escuro  
mais que escuro:  
claro  
como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma  
e tudo  
(ou quase)  
um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas  
azul  
era o gato  
azul  
era o galo  
azul  
o cavalo  
azul  
teu cu

tua gengiva igual a tua bucinha que parecia sorrir entre as folhas de banana  
entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca do corpo (não  
como a tua boca de palavras) como uma entrada para

eu não sabia tu  
não sabias  
fazer girar a vida  
com seu montão de estrelas e oceano  
entrando-nos em ti

bela bela  
mais que bela  
mas como era o nome dela?  
Não era Helena nem Vera  
nem Nara nem Gabriela  
nem Tereza nem Maria  
Seu nome seu nome era . . .  
Perdeu-se na carne fria  
perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia  
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas  
constelações de alfabeto  
noites escritas a giz  
pastilhas de aniversário  
domingos de futebol

enterros cursos comícios  
roleta bilhar baralho  
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa  
e de tempo: mas está comigo está  
perdido comigo  
teu nome  
em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do  
Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos  
e pais dentro de um enigma?

mas que importa um nome  
debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre  
cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de  
garfos e facas e pratos louça que se quebraram já  
um prato de louça ordinária não dura tanto  
e as facas se perdem e os garfos  
se perdem pela vida caem  
pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos  
e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva cidreira  
e as grossas orelhas de hortelã  
quanta coisa se perde  
nesta vida

Como se perdeu o que eles falavam ali  
mastigando  
misturando feijão com farinha e nacos de carne assada  
e diziam coisas tão reais como a toalha bordada  
ou a tosse da tia no quarto  
e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa  
janela  
tão reais que  
se apagaram para sempre  
Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem  
que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás  
e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,  
ou dentro de um ônibus  
ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico  
acima do arco-íris  
perfeitamente fora  
do rigor cronológico  
sonhando

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas  
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas  
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do  
jantar,

voais comigo  
sobre continentes e mares

E também rastejais comigo  
pelos túneis das noites clandestinas  
sob o céu constelado do país  
entre fulgor e lepra  
debaixo de lençóis de lama e de terror  
armários obsoletos gavetas perfumadas de passado,  
dobrais comigo as esquinas do susto  
e esperais esperais  
que o dia venha

E depois de tanto  
que importa um nome?  
Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:  
te chamo aurora  
te chamo água  
te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema  
nas aparições do sonho

— E esta mulher a tossir dentro de casa!  
Como se não bastasse o pouco dinheiro, a lâmpada fraca,

o perfume ordinário, o amor escasso, as goteiras no inverno.  
E as formigas brotando aos milhões negras como golfadas de  
dentro da parede (como se aquilo fosse a essência da casa)  
E todos buscavam

num sorriso num gesto  
nas conversas da esquina  
no coito em pé na calçada escura do Quartel  
no adultério  
no roubo  
a decifração do enigma

— Que faço entre coisas?  
— De que me defendo?

Num cofo no quintal na terra preta cresciam plantas e rosas  
(como pode o perfume  
nascer assim?)

Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam  
pés de tomate  
Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins  
mais verdes que a esperança  
(ou o fogo  
de teus olhos)

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade  
sob

as sombras da guerra:

a gestapo a wehrmacht a raf a feb a blitzkrieg  
catalinas torpedeamentos a quinta-coluna os fascistas os nazistas os comunistas o repórter isso a discussão na quitanda o querosene o sabão de andiroba o mercado negro o racionamento o blackout as montanhas de metais velhos o italiano assassinado na Praça João Lisboa o cheiro de pólvora os canhões alemães troando nas noites de tempestade por cima da nossa casa. Stalingrado resiste.

Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco que fazia charutos ordinários, pelo sargento Gonzaga que tomava tiquira com mel de abelha e trepava com a janela aberta,

pelo meu carneiro manso  
por minha cidade azul  
pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.

A cada nova manhã

nas janelas nas esquinas na manchete dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.

Plantas. Bichos. Cheiros. Roupas.

Olhos. Braços. Seios. Bocas.

Vidraça verde, jasmim.



Bicicleta no domingo.

Papagaios de papel.

Retreta na praça.

Luto.

Homem morto no mercado

sangue humano nos legumes.

Mundo sem voz, coisa opaca.

Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?  
Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de  
gente, barulho escuro do corpo, intercortado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?

Meu corpo feito de carne e de osso.

Esse osso que não vejo, maxilares, costelas,

flexível armação que me sustenta no espaço

que não me deixa desabar como um saco

vazio

que guarda as vísceras todas

funcionando

como retortas e tubos

fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento

e as palavras

e as mentiras

e os carinhos mais doces mais sacanas  
mais sentidos  
para explodir como uma galáxia  
de leite  
no centro de tuas coxas no fundo  
de tua noite ávida  
cheiros de umbigo e de vagina  
graves cheiros indecifráveis  
como símbolos  
do corpo  
do teu corpo do meu corpo  
corpo  
que pode um sabre rasgar  
um caco de vidro  
uma navalha  
meu corpo cheio de sangue  
que o irriga como a um continente  
ou um jardim  
circulando por meus braços  
por meus dedos  
enquanto discuto caminho  
lembro relembro  
meu sangue feito de gases que aspiro

dos céus da cidade estrangeira  
com a ajuda dos plátanos  
e que pode — por um descuido — esvair-se por meu  
pulso

aberto

Meu corpo

que deitado na cama vejo  
como um objeto no espaço  
que mede 1,70 m  
e que sou eu: essa coisa  
deitada  
barriga pernas e pés  
com cinco dedos cada um (por que  
não seis?)  
joelhos e tornozelos  
para mover-se  
sentar-se  
levantar-se

meu corpo de 1,70 m que é meu tamanho no mundo  
meu corpo feito de água  
e cinza

que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio  
e me sentir misturado

a toda essa massa de hidrogênio e hélio  
que se desintegra e reintegra  
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo  
que tem um nariz assim uma boca  
dois olhos  
e um certo jeito de sorrir  
de falar  
que minha mãe identifica como sendo de seu filho  
que meu filho identifica  
como sendo de seu pai

corpo que se pára de funcionar provoca  
um grave acontecimento na família:  
sem ele não há José Ribamar Ferreira  
não há Ferreira Gullar

e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta  
estarão esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fátuo corpo-fato  
atravessado de cheiros de galinheiros e rato  
na quitanda ninho

de rato  
cocô de gato  
sal azinhavre sapato  
brilhantina anel barato  
língua no cu na buceta cavalo-de-crista chato  
nos pentelhos  
corpo meu corpo-falo  
insondável incompreendido  
meu cão doméstico meu dono  
cheio de flor e de sono  
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio  
de tudo como um monturo  
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias  
sambas e frevos azuis  
de Fra Angelico verdes  
de Cézanne  
matéria-sonho de Volpi

Mas sobretudo meu  
corpo  
nordestino  
mais que isso  
maranhense

mais que isso

sanluisense

mais que isso

ferreirense

newtoniense

alzirense

meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres  
ao lado de uma padaria  
sob o signo de Virgo  
sob as balas do 24.º BC  
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio  
num tic tac que não se ouve  
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)  
tic tac tic tac

enquanto vou entre automóveis e ônibus  
entre vitrinas de roupas  
nas livrarias  
nos bares  
tic tac tic tac

pulsando há 45 anos

esse coração oculto

pulsando no meio da noite, da neve, da chuva

debaixo da capa, do paletó, da camisa  
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária  
meu coração de menino

claro claro  
mais que claro  
raro  
o relâmpago clareia os continentes passados:  
noite e jasmim  
junto à casa

vozes perdidas na lama  
domingos vazios

água sonhando na tina  
pátria de mato e ferrugem

busca de cobre e alumínio  
pelos terrenos baldios  
economia de guerra?  
pra mim  
torresmo e cinema

Sozinho naquele  
desaguadouro de rio  
sob o sol duro do trópico  
sozinho na tarde no planeta na história



arrastando camarão  
com um cofo de palha  
  quê  
que eu buscava ali?  
  Houvera a guerra de Tróia?  
  Homero Dante Boccaccio?  
  Já nascera a geometria?

Só tijuco e água salgada  
só bagres e baiacus  
areia sol vento e chuva  
e as velas coloridas  
dos barcos pela baía:  
  que perguntava eu ali  
com aquele cofo nas mãos  
sob o sol do Maranhão?  
Não era o sol de Laplace  
nem era a ilha geográfica:  
  era o sol  
  o sol apenas  
  com cheiro de lama podre

e cheiro de peixe e gente  
corvina serra cação

papista comendo merda  
na saída do bueiro  
pátria de sal e ferrugem  
que é que eu buscava ali  
caminhando pelos trilhos  
à toa  
saltando dormentes  
vadeando pelo córrego  
raso de limo sapos garrafas  
cheias de lama canos  
onde moravam peixes-sabão  
andando  
sem rumo entre vagões rodas  
de trem eixos leprosos  
caixas de rolamento  
abandonadas cheias  
de terra ferrugem graxa  
capim coberto de óleo

Que me ensinavam essas aulas  
de solidão  
entre coisas da natureza  
e do homem?

O alto galpão de zinco

clarões de solda  
operários na penumbra  
paredes negras de fumo  
Não era uma casa: uma casa  
tem cadeiras mesa poltronas  
Um templo  
seria? mas  
sem nichos sem altar sem santos?  
Que era aquilo-uma-usina?

onde a tarde se fazia  
com faíscas de esmeril calor de forja  
onde a tarde era outra  
tarde  
que nada tinha daquela  
que eu via agora distante  
para além da via férrea  
além do cais  
além das águas do Anil, lá  
cega de sol por detrás das ruínas  
do Forte da Ponta d'Areia  
na entrada da baía

Quantas tardes numa tarde!  
e era outra, fresca,  
debaixo das árvores boas a tarde  
na praia do Jenipapeiro  
Ou do outro lado ainda  
a tarde maior da cidade  
amontoada de sobrados e mirantes  
ladeiras quintais quitandas  
hortas jiraus galinheiros  
ou na cozinha (distante) onde Bizuza  
prepara o jantar  
e não canta

ah quantas só numa  
tarde geral que cobre de nuvens a cidade  
tecendo no alto e conosco  
a história branca  
da vida qualquer  
ah ventos soprando verdes nas palmeiras dos Remédios  
gramas crescendo obscuras sob meus pés  
entre os trilhos  
e dentro da tarde a tarde-  
locomotiva  
que vem como um paquiderme

de aço  
tarda pesada  
maxilares cerrados cabeça zinindo  
uma catedral que se move  
envolta em vapor  
bufando pânico  
prestes  
a explodir

tchi tchi  
trã trã trã  
tarã TARÃ TARÃ  
tchi tchi tchi tchi tchi  
TARÃ TARÃ TARÃ TARÃ TARÃ TARÃ

lá vai o trem com o menino  
lá vai a vida a rodar  
lá vai ciranda e destino  
cidade e noite a girar  
lá vai o trem sem destino  
pro dia novo encontrar  
correndo vai pela terra

*(Para ser canta-  
da com a música  
da Bachiana n.º  
2, da Tocata, de  
Villa-Lobos)*

vai pela serra  
vai pelo mar  
cantando pela serra do luar  
correndo entre as estrelas a voar  
no ar  
piuí! piuí piuí  
no ar  
piuí piuí piuí  
adeus meu grupo escolar  
adeus meu anzol de pescar  
adeus menina que eu quis amar  
que o trem me leva e nunca mais vai parar

VAARÃ VAARÃ VAARÃ VAARÃ  
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc

brisa branca brisa fria  
cinzentura quase dia

IUI IUI IUI IUI IUI  
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc

lará lará larará  
lará lará larará

lará lará larará  
lará lará larará lará larará lará larará  
lará lará lará  
lará lará lará

Iuí Iuí Iuí Iuí Iuí  
iuí iú iuí iuí iuí iuí iuí

saímos de casa às quatro  
com as luzes da rua acesas

meu pai levava a maleta  
eu levava uma sacola

rumamos por Afogados  
outras ladeiras e ruas

o que pra ele era rotina  
para mim era aventura

quando chegamos à gare  
o trem realmente estava

ali parado esperando  
muito comprido e chiava

entramos no carro os dois  
eu entre alegre e assustado

meu pai (que já não existe)  
me fez sentar ao seu lado

talvez mais feliz que eu  
por me levar na viagem

meu pai (que já não existe)  
sorría, os olhos brilhando

VAARÃ VAARÃ VAARÃ VAARÃ

tchuc tchuc tchuc  
tchuc tchuc tchuc

TRARÃ TRARÃ TRARÃ  
TRARÃ TRARÃ TRARÃ



ultrapassamos a noite  
quando cruzamos Perizes  
era exatamente ali  
que principiava o dia

VAARÃ VAARÃ VAARÃ  
VAARÃ VAARÃ VAARÃ

e ver que a vida era muita  
espalhada pelos campos  
que aqueles bois e marrecos  
existiam ali sem mim  
e aquelas árvores todas  
águas capins nuvens — como  
era pequena a cidade!

E como era grande o mundo:  
há horas que o trem corria  
sem nunca chegar ao fim  
de tanto céu tanta terra  
de tantos campos e serras  
sem contar o Piauí

Já passamos por Rosário  
por Vale-Quem-Tem, Quelru.  
Passamos por Pirapemas  
e por Itapicuru:  
mundo de bois, siriemas,  
jaçanã, pato e nhambu  
café com pão  
    bolacha não  
            café com pão  
                    bolacha não  
vale quem tem  
    vale quem tem  
            vale quem tem  
    vale quem tem  
            nada vale  
    quem não tem  
            nada não vale  
    nada vale  
            quem nada  
    tem  
        neste vale

nada  
vale  
nada  
vale  
quem  
não  
tem  
nada  
no  
v  
a  
l  
e

TCHIBUM!!!

Muitos  
muitos dias há num dia só  
porque as coisas mesmas  
os compõem  
com sua carne (ou ferro  
que nome tenha essa  
matéria-tempo  
suja ou  
não)  
os compõem  
nos silêncios aparentes ou grossos  
como colchas de flanela  
ou água vertiginosamente imóvel  
como  
na quinta dos Medeiros, no poço  
da quinta  
coberto pela sombra quase pânica  
das árvores  
de galhos que subiam mudos  
como enigmas  
tudo parado  
feito uma noite verde ou vegetal  
e de água

muito embora em cima das árvores  
por cima  
lá no alto  
resvalando seu costado luminoso nas folhas  
passasse o dia (o século  
XX)  
e era dia  
como era dia aquele  
dia  
na sala de nossa casa  
a mesa com a toalha as cadeiras o  
assoalho muito usado  
e o riso claro de Lucinha se embalando na rede  
com a morte já misturada  
na garganta  
sem que ninguém soubesse  
— e não importa —  
que eu debruçado no parapeito do alpendre  
via a terra preta do quintal  
e a galinha ciscando e bicando  
uma barata entre plantas  
e neste caso um dia-dois  
o de dentro e o de fora  
da sala

um às minhas costas o outro  
diante dos olhos  
vazando um no outro  
através de meu corpo  
dias que se vazam agora ambos em pleno coração  
de Buenos Aires  
às quatro horas desta tarde  
de 22 de maio de 1975  
trinta anos depois

muitos  
muitos são os dias num só dia  
fácil de entender  
mas difícil de penetrar  
no cerne de cada um desses muitos dias  
porque são mais do que parecem  
pois  
dias outros há  
ou havia  
naquele dia do poço  
da quinta  
também dentro e fora  
porque não é possível estabelecer um limite  
a cada um desses

dias de fronteiras impalpáveis  
feitos de — por exemplo — frutas e folhas  
frutas que em si mesmas são  
um dia  
de açúcar se fazendo na polpa  
ou já se abrindo aos outros dias  
que estão em volta  
como um horizonte de trabalhos infinitos:

porque a poucos passos  
do poço  
acima da ladeira de terra  
na rua sem árvores  
donde vim há pouco  
passa gente e carroça  
ou alguém grita na janela  
enquanto um pássaro cruza (possivel-  
mente)  
por sobre nós  
um urubu talvez  
deriva na direção da Camboa  
leve sobre o vasto capinzal e para além da estrada de ferro  
por cima das palhoças na lama  
e lá detrás a fábrica

assentada numa plataforma fumegante de cinzas e detritos  
de algodão

um urubu

que é ele mesmo um dia preto farejando carniça  
e na carniça

junto do Matadouro

que fede

o dia (um dia) apodrece

envolvendo o dia

dos moradores das palafitas

e o dia do urubu

e o da lata de azeite Sol Levante

que sobre três pedras

no chão de terra batida da palhoça

onde mora Esmagado

ferve

com arroz-de-toucinho

para o almoço

e todos esses dias enlaçados como anéis de fumaça

girando no catavento

esgarçando-se nas nuvens

e o alarido das pipiras na sapotizeira



às seis da tarde  
ou  
no cubo de sombra e vertigem  
da água  
do dito poço

da dita quinta

que os anos não trazem mais

E trazem cada vez mais  
por ser alarme agora em minha carne  
o silêncio daquela água  
por ser clarão  
a sua sombra  
debaixo das minhas unhas

como então sob as folhas com açúcar e luz  
pingar de água

um pio

um sopro de brisa  
sem pressa

e por todas as partes

se fabricava a noite  
que nos envenenaria de jasmim  
E a noite mais tarde passaria aos trambolhões  
com sua carruagem negra  
batendo ferros  
feito um trem  
pela Costela do Diabo  
com seu cortejo de morcegos

Era impossível distinguir  
com a pouca luz que havia  
como eram seus cavalos  
seu condutor seu chicote  
a cavalgar no meu sono  
sem o testemunho dos irmãos

Numa noite há muitas noites  
mas de modo diferente  
de como há dias  
no dia  
(especialmente nos bairros  
onde a luz é pouca)

porque de noite  
todos os fatos são pardos  
e a natureza fecha  
os olhos coloridos  
guarda seus bichos  
entre as pernas, põe as aves dentro dos frutos  
e imobiliza todas as águas  
embora fique urinando  
escondido  
em vários pontos da quinta  
tão suave que quase ninguém ouve sob as folhas de tajá

E assim as muitas noites  
parecem uma só  
ou no máximo duas:  
sendo a outra  
a noite de dentro de casa  
iluminada a luz elétrica  
A noite adormece as galinhas  
e põe a funcionar os cinemas  
aciona  
os programas de rádio, provoca

discussões à mesa do jantar, excessos  
entre jovens que se beijam e se esfregam  
junto à cancela  
no escuro  
e quando o tesão é muito decidem casar  
(menos, por exemplo,  
Maria do Carmo  
que entregava os peitos enormes  
pros soldados chuparem  
na Avenida Silva Maia  
sob os oitizeiros  
e deixava que eles esporrassem  
entre suas coxas quentes (sem  
meter)  
mas voltava para casa  
com ódio do pai  
(e malsatisfeita da vida)

De noite, como  
a luz é pouca,  
a gente tem a impressão  
de que o tempo não passa  
ou pelo menos não escorre

como escorre de dia:

como se desse uma interrupção  
para o dr. Bacelar fazer uma palestra  
no Grêmio Lútero-Recreativo Português  
uma interrupção  
para que os operários da fábrica Camboa  
descanssem um pouco  
e se reproduzam nas redes  
ou nas esteiras  
se amando sem muito alarde  
para não acordar os filhos que dormem no mesmo quarto

Como se o tempo  
durante a noite  
ficasse parado junto  
com a escuridão e o cisco  
debaixo dos móveis e  
nos cantos da casa  
(mesmo dentro  
do guarda-roupa,  
o tempo,  
pendurado nos cabides)  
E essa sensação

é ainda mais viva  
quando a gente acorda tarde  
e depara com tudo claro  
e já funcionando: pássaros  
árvores vendedores de legumes

Mas também  
quando a gente acorda cedo e fica  
deitado assuntando  
o processo do amanhecer:  
os primeiros passos na rua  
os primeiros  
ruídos na cozinha  
até que de galo em galo  
um galo  
rente a nós  
explode  
(no quintal)  
e a torneira do tanque de lavar roupas  
desanda a jorrar manhã

A noite nos faz crer  
(dada a pouca luz)

que o tempo é um troço  
auditivo.  
Concluídos os afazeres noturnos  
(que encheram a casa de rumores,  
inclusive as últimas conversas no quarto)  
quando enfim a família inteira dorme —  
o tempo se torna um fenômeno  
meramente químico  
que não perturba  
(antes  
propicia)  
o sono.

Não obstante,  
alguém que venha da rua  
— tendo caminhado sob a fantástica imobilidade  
da Via-Láctea —  
pode ter a impressão,  
diante daqueles corpos adormecidos,  
de que o universo morreu  
(quando de fato  
em todas as torneiras da cidade  
a manhã está prestes a jorrar)

Menos, claro,  
nas palafitas da Baixinha, à margem  
da estrada de ferro,

onde não há água encanada:  
ali  
o clarão contido sob a noite  
não é  
como na cidade  
o punho fechado da água dentro dos canos:  
é o punho  
da vida  
fechada dentro da lama

Já por aí se vê  
que a noite não é a mesma  
em todos os pontos da cidade;  
a noite  
não tem na Baixinha  
a mesma imobilidade  
porque a luz da lamparina  
não hipnotiza as coisas  
como a eletricidade  
hipnotiza:



embora o tempo ali também não escorra,  
não flua: bruxuleia  
se debate  
numa gaiola de sombras.

Mas o que mais distancia  
essa noite da Baixinha  
das outras  
é o cheiro: melhor dizendo  
o mau cheiro  
que ela tem como certos animais  
na sua carne de lodo

e daí poder dizer-se  
que a noite na Baixinha  
não passa, não  
transcorre:  
apodrece  
Numa coisa que apodrece  
— tomemos um exemplo velho:

uma pêra —

o tempo  
não escorre nem grita,

antes

se afunda em seu próprio abismo,  
se perde  
em sua própria vertigem,  
mas tão sem velocidade  
que em lugar de virar luz vira  
escuridão;

o apodrecer de uma coisa  
de fato é a fabricação  
de uma noite:

seja essa coisa  
uma pêra num prato seja  
um rio num bairro operário  
Daí porque na Baixinha

há duas noites medidas uma na outra: a noite  
sub-urbana (sem água

encanada) que se dissipa com o sol  
e a noite sub-humana  
da lama  
que fica  
ao longo do dia  
estendida  
como graxa  
por quilômetros de mangue

a noite alta  
do sono (quando  
os operários sonham)  
e a noite baixa  
do lodo embaixo  
da casa

uma noite metida na outra  
como a língua na boca  
eu diria  
como uma gaveta de armário  
metida no armário (mas  
embaixo: o membro na vagina)  
ou como roupas pretas  
sem uso dentro da gaveta  
ou como uma coisa suja  
(uma culpa)  
dentro de uma pessoa  
enfim como  
uma gaveta de lama  
dentro de um armário de lama,  
assim

talvez fosse a noite na Baixinha  
princesa negra e coroada  
apodrecendo nos mangues

Mas para bem definir essa noite  
da Baixinha

    não se deve separá-la  
da gente que vive ali

    — porque a noite não é

apenas

a conspiração das coisas —

nem separá-la da fábrica

de fios e pano riscado

(de que os homens fazem calças)

onde aquela gente trabalha,

nem do mínimo salário

que aquela gente recebe,

nem separar a fábrica

de lama da fábrica

de fios

nem o fio

do bafio

envenenado da lama

que de feder tantos anos  
já é parte daquela gente  
(como  
o cheiro de um bicho pode ser parte  
de outro bicho)  
e a tal ponto  
que nenhum deles consegue  
lembrar flor alguma que não tenha  
aquele azedo de lama  
(e não obstante  
se amam)

Resta ainda acrescentar  
— pra se entender essa noite  
proletária —  
que um rio não apodrece do mesmo modo  
que uma pêra  
não apenas porque um rio não apodrece num prato  
mas porque nenhuma coisa apodrece  
como outra  
(nem por outra)  
e mesmo  
uma banana

não apodrece do mesmo modo  
que muitas bananas  
dentro de  
uma tina

— no quarto de um sobrado  
na Rua das Hortas, a mãe  
passando roupa a ferro —  
fazendo vinagre

— enquanto o bonde Gonçalves Dias  
descia a Rua Rio Branco  
rumo à Praça dos Remédios e outros  
bondes desciam a Rua da Paz  
rumo à Praça João Lisboa  
e ainda outros rumavam  
na direção da Fabril, Apeadouro,  
Jorhoa  
(esse era o bonde do Anil  
que nos levava  
para o banho no Rio Azul)

e as bananas  
fermentando  
trabalhando para o dono — como disse Marx —  
ao longo das horas mas num ritmo

diferente (muito mais  
grosso) que o do relógio  
fazendo vinagre

— naquele quarto onde dormia  
toda a família e  
se vendiam quiabo e jerimum —

fermentando

— enquanto Josias, o enfermeiro  
posava de doutor na quitanda  
de meu pai

e eu jogava bilhar  
escondido  
no botequim do Simplício  
na Fonte do Ribeirão —

mas

um rio  
não faz vinagre  
mesmo que um quitandeiro o ponha para apodrecer  
numa tina

um rio  
não apodrece como as bananas  
nem como, por exemplo,

uma perna de mulher  
— (da mulher  
que a gente não via  
mas fedia durante toda a manhã  
na casa ao lado de nossa escola,  
na época  
da guerra)

um rio não apodrece do mesmo modo que uma perna  
— ainda que ambos fiquem  
com a pele um tanto azulada —  
nem do mesmo modo que um jardim  
(pelo menos em nossa cidade  
sob o demorado relâmpago do verão)

E como nenhum rio apodrece  
do mesmo jeito que outro rio  
assim o rio Anil  
apodrecia a seu modo  
naquela parte da ilha de São Luís.

Mesmo porque  
para que outro rio  
pudesse apodrecer como ele



era preciso que viesse  
por esse mesmo caminho  
passasse no Matadouro  
e misturasse seu cheiro de rio ao cheiro  
de carniça  
e tivesse permanentemente a sobrevoá-lo  
uma nuvem de urubus  
como acontece com o Anil antes  
de dobrar à esquerda  
para perder-se no mar  
(para de fato  
afogar-se, convulso,  
nas águas salgadas  
da baía

que se intrometem por ele, por suas veias,  
por sua carne doce de rio  
que o empurra para trás  
o desarruma  
o envenena de sal  
e o obriga a apodrecer  
— já que não pode fluir -  
debaixo das palafitas

onde moram os operários da Fábrica  
de Fiação e Tecidos da Camboa)

Assim apodrece o Anil  
ao leste de nossa cidade  
que foi fundada pelos franceses em 1612  
e que já o encontraram apodrecendo  
embora com um cheiro  
que nada tinha  
do óleo dos navios que entram agora  
quase diariamente no porto  
nem das fezes que a cidade  
vaza em seu corpo de peixes  
nem da miséria dos homens  
escravos de outros  
que ali vivem agora  
feito caranguejos.

Apenas os índios vinham banhar-se  
na praia do Jenipapeiro, apenas eles

ouviam o vento nas árvores  
e caminhavam por onde  
hoje são avenidas e ruas,  
sobrados cobertos de limo,

cheios de redes e lembranças  
na obscuridade.

Mas desses índios timbiras  
nada resta, senão coisas contadas em livros  
e alguns poemas em que se tenta  
evocar a sombra dos guerreiros  
com seu arco  
ocultos entre as folhas  
(o que não impede que algum menino  
tendo visto no palco da escola  
*Y Juca Pyrama*

saia a buscar  
pelos matos da Maioba ou da Jordoá  
— o coração batendo forte —  
vestígios daqueles homens,  
mas não encontra mais  
que o rumor do vento nas árvores)

Exceto se encontra  
pousado  
um pássaro azul e vermelho  
— a brisa entortando-lhe as penas feito

um leque feito  
                                  o cocar de um guerreiro  
que nele se transformara  
para continuar habitando aqueles matos.  
E mesmo que  
não seja o pássaro o guerreiro  
foi decerto visto por ele um dia  
                                  e por isso  
                                  estranhamente  
                                  está presente ali  
                                  vendendo-o de novo  
quem sabe agora mesmo atrás do menino atrás  
                                  dos ramos  
                                  quando  
                                  algo se mexe  
e uma lagartixa foge sobre as folhas secas.  
  
E tudo isso se passa  
                                  sob a copa das árvores  
                                  (longe  
da estrada por onde trafegam bondes  
e ônibus,  
                                  e mais longe ainda

das ruas da Praia Grande  
atravancadas de caminhões  
pracistas como João Coelho e estivadores  
que descarregam babaçu)  
tudo isso se passa  
como parte da história dos matos e dos pássaros  
E na história dos pássaros  
os guerreiros continuam vivos.

E eu nunca pensara antes que havia  
uma história dos pássaros  
embora conhecesse tantos

desde  
o canário-da-terra (na gaiola  
de seu Neco), a rolinha fogo-pagô  
(na cumeeira da casa)

até o bigode-pardo  
(que se pegava com alçapão no capinzal)

o galo de campina  
parecia um oficial  
em uniforme de gala;  
o anum era um empregado  
da limpeza pública;  
o urubu, um crioulo  
de fraque; o bem-te-vi,  
um polícia de quepe  
e apito na boca  
sempre atarefado

Para me dar conta  
da história dos pássaros  
foi preciso ver  
o pássaro vermelho e azul

mal pousado no galho  
grande demais para aqueles matos  
como um fantasma  
(a balançar no vento)  
foi preciso vê-lo  
dentro daquele silêncio  
feito de pequenos barulhos vegetais  
E ele — fazendo sua história — voou  
sem se saber por quê  
e foi pousar noutra árvore  
já agora quase oculto  
ora parecendo flor ora folha colorida  
e assim sumiu

Já a história dos urubus  
é praticamente a mesma história dos homens  
que têm cães que morrem  
atropelados  
em frente à porta da casa  
que têm papagaios que aprendem a falar  
na cozinha  
e curios

cantando  
na gaiola da barbearia

(a filha do barbeiro  
fugiu com o filho  
do carteiro  
um mulato  
que trabalhava nos Correios.  
As vizinhas cochichavam:  
“se tivesse fugido  
com um branco  
ao menos ia poder casar”)

Enquanto isso  
o dr. Gonçalves Moreira mantinha na sua sala  
um casal de canários belgas numa gaiola de prata  
(na Avenida Beira-Mar em frente à entrada da baía)  
E trouxe uma caboclinha  
de suas terras em Barra do Corda  
para arrumar as gavetas (lençóis  
de linho branco cheirando a alfazema)  
e cuidar dos canários:  
ela limpava a gaiola  
e renovava a água e o alpiste  
todas as manhãs



na janela do alpendre  
(na época da guerra).  
Lá embaixo no quintal  
a lavadeira batia roupa  
no tanque  
e cantava junto com a água.  
O mamoeiro rente ao muro  
amadurecia um mamão para a sobremesa do doutor  
(isso por volta de 1942, 43,  
quando chegaram os americanos  
para construir a base aérea do Tirirical:  
compraram todas as frutas e legumes  
do Mercado  
pagaram um salário incrível pro Antônio José  
e puseram o pé em cima da mesa  
no Moto Bar)  
E os canários, nem-seu-souza,  
trinavam na gaiola de prata

Camélia caiu na vida  
porque ainda não existia a pílula  
Pagou caro aquele amor  
feito com dificuldade  
de trás do jirau de roupas

em pé junto à cerca  
enquanto a família dormia  
(o mesmo gosto de hortelã  
das pastilhas de aniversário)  
Seu pai, seu Cunha, o barbeiro,  
quase morre de vergonha,  
ele que fazia a barba  
de todos os homens da rua  
(e o curió na gaiola,  
nem-seu-souza).  
Por que vai um homem ter filhas,  
meu Deus? E ele tinha três.  
A mais velha, que era mais sonsa,  
foi ao Josias tomar  
uma injeção de Eucaliptina  
e o enfermeiro aconselhou:  
“Dói muito. É melhor num lugar  
que tenha mais carne”.  
É desde esse santo dia  
era injeção toda tarde.  
(e o curió,  
nem-seu-souza)  
A terceira ficou séria

e virou filha de Maria  
(e o curió,  
nem-seu-souza)  
Já o canário-da-terra  
parou de cantar quando  
numa manhã de domingo  
seu Neco matou a mulher  
que — dizem — lhe punha chifres:  
a gaiola rolou no chão.  
("Canivetada nas costas,  
pegou bem aqui, lá nela.  
Não saiu um pingo de sangue,  
foi hemorragia interna")  
A morte se alastrou por toda a rua,  
misturou-se às árvores da quinta,  
penetrou na cozinha de nossa casa  
ganhou o cheiro da carne que assava na panela  
e ficou brilhando nos talheres  
dispostos sobre a toalha  
na mesa do almoço.

*Salve a mulher de amarelo  
Põe a de verde no chinelo*

*Mas a mulher de estampado  
Deixa o homem amarrado*

Mas essa é a história de pássaros  
já de há muito urmanizados  
pois a história dos pássaros  
pássaros  
só os guerreiros conhecem  
só eles a entendem quando o vento  
(numa lembrança)  
sopra-a nas árvores de São Luís.

Não seria correto dizer  
que a vida de Newton Ferreira  
escorria ou se gastava  
entre cofos de camarões, sacas de arroz  
e paneiros de farinha-d'água  
naquela sua quitanda  
na esquina da Rua dos Afogados  
com a Rua da Alegria.

Não seria correto porque  
se alguém chegasse lá  
por volta das 3 da tarde (hora  
de pouco movimento) — ele meio debruçado  
no balcão lendo X-9 —  
veria que tudo estava parado  
na mesma imobilidade branca  
do fubá dentro do depósito  
e das prateleiras cheias de latas e garrafas  
e do balcão com a balança Filizola  
tudo  
sobre o chão de mosaico verde e branco  
como uma plataforma da tarde.  
Parado e ao mesmo tempo inserido  
num amplo sistema

que envolvia os armazéns  
da Praia Grande, a Estrada de Ferro São Luís—Teresina,  
fazendas em Coroatá, Codó, plantações de arroz  
e fumo, homens que punham camarões para secar  
ao sol em Guimarães. E as próprias famílias  
da rua  
que se sentariam mais tarde à mesa do jantar.  
Por isso mesmo  
ele podia mergulhar naquele mundo de *gangsters* americanos  
sem ansiedade.

É verdade, porém, que uma esquina mais acima  
(às suas costas)  
na Avenida Gomes de Sousa  
a tarde passava ruidosamente  
farfalhando nos oitizeiros como o vento por um relógio de folhas.  
É que a tarde tem muitas velocidades  
sendo mais lenta  
por exemplo  
no esgarçar de um touro de nuvem  
que ela agora arrasta iluminada  
na direção do Desterro  
por cima da capital  
(como uma aranha, poderia dizer?)

que ata e puxa a presa para devorá-la?  
como um abutre invisível a destripá-la  
num *ballet*  
e muito acima do telhado da quitanda  
em pleno ar?)  
E em meio a um outro sistema  
este  
de ventos  
que avançavam escuros das bandas do Apeadouro  
ou das cabeceiras do Bacanga,  
úmidos às vezes,  
num estampido que faz sacudir os aviões.

Não,  
não cabe falar de aranha  
se penso na cidade se desdobrando em seus  
telhados e torres de igrejas  
sob um sol duro  
as famílias debaixo das telhas, retratos de mortos  
com o rosto exageradamente colorido  
dentro de molduras pintadas de dourado,  
cômodas  
antigas, pequenas caixas com botões e novelos de linha,

parentes tuberculosos em quartos escuros, tossindo  
baixo para que o vizinho não ouça, crianças  
que mal começam a andar  
agarrando-se às pernas de pais que nada podem,  
debaixo daqueles telhados encardidos  
de nossa pequena cidade  
a qual  
alguém que venha de avião dos EUA  
poderá ver  
postada na desembocadura suja de dois rios  
lá embaixo  
e como se para sempre. Mas  
e o quintal da Rua das Cajazeiras? O tanque  
do Caga-Osso? a Fonte do Bispo? a quitanda  
de Newton Ferreira?  
Nada disso verá  
de tão alto  
aquele hipotético passageiro da Braniff.

Debruçado no balcão  
Newton Ferreira lê  
seu conto policial.  
Nada sabe das conspirações



meteorológicas que se tramam  
em altas esferas azuis acima do Atlântico.

Na quitanda  
o tempo não flui  
antes se amontoa  
em barras de sabão Martins  
mantas de carne-seca  
toucinho mercadorias  
todas com seus preços e  
cheiros  
ajustados ao varejo  
(o olho sujo

do querosene  
espiava na lata debaixo do balcão)  
Mas nada disso se percebe  
voando sobre a cidade a 900 quilômetros por hora.

Nem mesmo andando a pé  
entre aquelas duas filas de porta-e-janela,  
meias-moradas de sacada de ferro e platibandas  
manchadas de caruncho  
(no vermelho  
entardecer)

Nem mesmo que a quitanda  
exista ainda e que já sejam oito horas da noite  
e se veja  
pela única folha da porta entreaberta a luz acesa  
como antigamente  
e haja homens conversando lá dentro  
entre lambadas de cachaça  
e seja o mesmo balcão  
e o cheiro das mercadorias  
lá não encontrarás o Gonzaga, sargento músico do exército.  
Já não se falará da guerra que a guerra acabou  
faz muitos anos.

Descendo ou subindo a rua,  
mesmo que vás a pé,  
verás que as casas são praticamente as mesmas  
mas nas janelas  
surgem rostos desconhecidos  
como num sonho mau.

Mudar de casa já era  
um aprendizado da morte: aquele  
meu quarto com sua úmida parede manchada

aquele quintal tomado de plantas verdes  
sob a chuva  
e a cozinha  
e o fio da lâmpada coberto de moscas,  
nossa casa  
cheia de nossas vozes  
tem agora outros moradores:  
ainda estás vivo e vês, e vês  
que não precisavas estar aqui para ver.  
As casas, as cidades,  
são apenas lugares por onde  
passando  
passamos

(ora dentado ora deitado  
ora comendo na mesa  
bebendo água do pote  
ora debruçado  
no peitoril da janela, o frango  
pingando ensopado debaixo  
do jirau de plantas)

Nem a pé, nem andando de rastros,  
nem colando o ouvido no chão

voltarás a ouvir nada do que ali se falou.  
Do querosene, sim,  
podes outra vez sentir o mesmo cheiro de trapo  
e do sabão talvez  
se é que a fábrica ainda não faliu.

Mas de Newton Ferreira, ex-  
*center-forward* da seleção maranhense,  
que dez vezes faliu  
e que era conhecido de todos na zona do comércio,  
não há nenhum traço  
naquele chão de mosaico verde e branco  
(inutilmente o buscarás também  
na sessão desta noite do poeira)

A cidade no entanto poderás vê-la do alto praticamente a mesma  
com suas ruas e praças  
por onde ele caminhava .

Ah, minha cidade verde  
minha úmida cidade  
constantemente batida de muitos ventos  
rumorejando teus dias à entrada do mar  
minha cidade sonora  
esferas de ventania  
rolando loucas por cima dos mirantes  
e dos campos de futebol  
verdes verdes verdes verdes  
ah sombra rumorejante  
que arrasto por outras ruas

Desce profundo o relâmpago  
de tuas águas em meu corpo,  
desce tão fundo e tão amplo  
e eu me pareço tão pouco  
pra tantas mortes e vidas  
que se desdobram  
no escuro das claridades,  
na minha nuca,  
no meu cotovelo, na minha arcada dentária  
no túmulo da minha boca  
palco de ressurreições

inesperadas

(minha cidade  
canora)

de trevas que já não sei  
se são tuas se são minhas

mas nalgum ponto do corpo (do teu? do meu  
corpo?)

lampeja

o jasmim

ainda que sujo da pouca alegria reinante  
naquela rua vazia  
cheia de sombras e folhas

Desabam as águas servidas  
me arrastam por teus esgotos  
de paletó e gravata

Me levanto em teus espelhos  
me vejo em rostos antigos  
te vejo em meus tantos rostos  
tidos perdidos partidos  
refletido

irrefletido

e as margaridas vermelhas  
que sobre o tanque pendiam:  
desce profundo  
o relâmpago de tuas águas numa  
vertigem de vozes brancas ecos de leite  
de cuspo morno no membro  
o corpo que busca o corpo

No capinzal escondido  
naquele capim que era abrigo e afeto  
feito cavalo sentindo sentindo  
o cheiro da terra o cheiro  
verde do mato o travo do cheiro novo  
do mato novo da vida  
vida das coisas  
verdes vivendo  
longe daquela mobília onde só vive o passado  
longe do mundo da morte da doença da vergonha  
da traição das cobranças à porta,  
ali  
bebendo a saúde da terra e das plantas,  
buscando  
em mim mesmo a fonte de uma alegria  
ainda que suja e secreta

o cuspo morno a delícia  
do próprio corpo no corpo  
e num movimento terrestre  
no meio do capim,  
celeste o bicho que enfim alça vôo  
e tomba

Ah, minha cidade suja  
de muita dor em voz baixa  
de vergonhas que a família abafa  
em suas gavetas mais fundas  
de vestidos desbotados  
de camisas mal cerzidas  
de tanta gente humilhada  
comendo pouco  
mas ainda assim bordando de flores  
suas toalhas de mesa  
suas toalhas de centro  
de mesa com jarros  
— na tarde  
durante a tarde  
durante a vida —  
cheios de flores  
de papel crepom



já empoeiradas  
minha cidade doída

Me reflito em tuas águas  
recolhidas:

no copo  
d'água  
no pote d'água  
na tina d'água  
no banho nu no banheiro  
vestido com as roupas  
de tuas águas  
que logo me despem e descem  
diligentes para o ralo  
como se de antemão soubessem  
para onde ir

Para onde  
foram essas águas  
de tantos banhos de tarde?  
Rolamos com aquelas tardes  
no ralo do esgoto  
e rolo eu  
agora  
no abismo dos cheiros

que se desatam na minha  
carne na tua, cidade  
que me envenenas de ti,  
que me arrastas pela treva  
me atordoas de jasmim  
que de saliva me molhas me atochas  
num cu

                                  rijo me fazes  
delirar me sujias  
de merda e explodo o meu sonho  
em merda.

                                  Sobre os jardins da cidade  
                                  urino pus. Me extravio  
na Rua da Estrela, escorrego  
no Beco do Precipício.  
Me lavo no Ribeirão.  
Mijo na Fonte do Bispo.  
Na Rua do Sol me cego,  
na Rua da Paz me revolto  
na do Comércio me nego  
mas na das Hortas floresço;  
na dos Prazeres soluço  
na da Palma me conheço

na do Alecrim me perfume  
na da Saúde adoeço  
na do Desterro me encontro  
na da Alegria me perco  
Na Rua do Carmo berro  
na Rua Direita erro  
e na da Aurora adormeço

Acordo na zona. O dia ladra, navega  
enfundado e azul

Vôo

com as toalhas brancas

Vou pousar no sorriso de Isabel

Tropeço num preconceito caio das nuvens  
descubro Marília

me aconcheço em suas pétalas como a pomba  
do Divino entre rosas na bandeja.

Mas vem junho e me apunhala  
vem julho me dilacera  
setembro expõe meus despojos  
pelos postes da cidade  
(me recomponho mais tarde,  
costuro as partes, mas os intestinos  
nunca mais funcionarão direito)

Prego a subversão da ordem  
poética, me pagam. Prego  
a subversão da ordem política,  
me enforcam junto ao campo de tênis dos ingleses  
na Avenida Beira-Mar  
(e os canários,  
nem-seu-souza: improvisam  
em sua flauta de prata)

Vendo o que tenho e mudo  
para a capital do país.

(Se tivesse me casado com Maria de Lourdes,  
meus filhos seriam dourados uns, outros  
morenos de olhos verdes  
e eu terminaria deputado e membro  
da Academia Maranhense de Letras;  
se tivesse me casado com Marília,  
teria me suicidado na discoteca da Rádio Timbira)

Mas na cidade havia  
muita luz,  
a vida  
fazia rodar o século nas nuvens  
sobre nossa varanda  
por cima de mim e das galinhas no quintal  
por cima  
do depósito onde mofavam  
paneiros de farinha  
atrás da quitanda,  
e era pouco  
viver, mesmo  
no salão de bilhar, mesmo  
no botequim do Castro, na pensão  
da Maroca nas noites de sábado, era pouco  
banhar-se e descer a pé  
para a cidade de tarde  
(sob o rumor das árvores)  
ali  
no norte do Brasil  
vestido de brim.

E por ser pouco  
era muito,

que pouco muito era o verde  
fogo da grama, o musgo do muro, o galo  
que vai morrer,  
a louça na cristaleira,  
o doce na compoteira, a falta  
de afeto, a busca  
do amor nas coisas.

Não nas pessoas:  
nas coisas, na muda carne  
das coisas, na cona da flor, no oculto  
falar das águas sozinhas:  
que a vida  
passava por sobre nós,  
de avião.

Não tem a mesma velocidade o domingo  
que a sexta-feira com seu azáfama de compras  
fazendo aumentar o tráfego e o consumo  
de caldo de cana gelado,

nem tem

a mesma velocidade  
a açucena e a maré  
com seu exército de borbulhas e ardentes caravelas  
a penetrar soturnamente o rio  
noutra lentidão que a do crepúsculo  
que, no alto,  
com sua grande engrenagem escangalhada  
moía a luz.

Outra velocidade

tem Bizuza sentada no chão do quarto  
a dobrar os lençóis lavados e passados  
a ferro, arrumando-os na gaveta da cômoda, como  
se a vida fosse eterna.

E era

naquele seu universo de almoços e temperos  
de folhas de louro e de pimenta-do-reino  
mastruz para tosse braba,

universo  
de panelas e canseiras entre as paredes da cozinha  
dentro de um surrado vestido de chita,  
enfim,  
onde batia o seu pequenino coração.

E se não era  
eterna a vida, dentro e fora do armário,  
o certo é que  
tendo cada coisa uma velocidade

(a do melado  
escura, clara  
a da água  
a derramar-se)

cada coisa se afastava  
desigualmente  
de sua possível eternidade.

Ou  
se se quer  
desigualmente  
a tecia  
na sua própria carne escura ou clara  
num transcorrer mais profundo que o da semana.  
Por isso não é certo dizer



que é no domingo que melhor se vê  
a cidade  
— as fachadas de azulejo, a Rua do Sol vazia  
as janelas trancadas no silêncio —

quando ela  
parada  
parece flutuar.

E que melhor se vê uma cidade  
quando — como Alcântara —  
todos os habitantes se foram  
e nada resta deles (sequer  
um espelho de aparador num daqueles  
apostos sem teto) — se não  
entre as ruínas  
a persistente certeza de que  
naquele chão  
onde agora crescem carrapichos  
eles efetivamente dançaram  
(e quase se ouvem vozes  
e gargalhadas  
que se acendem e apagam nas dobras da brisa)

Mas

se é espantoso pensar  
como tanta coisa sumiu, tantos  
guarda-roupas e camas e mucamas  
tantas e tantas saias, anáguas,  
sapatos dos mais variados modelos  
arrastados pelo ar junto com as nuvens,  
a isso  
responde a manhã  
que  
com suas muitas e azuis velocidades  
segue em frente  
alegre e sem memória

É impossível dizer  
em quantas velocidades diferentes  
se move uma cidade

a cada instante  
(sem falar nos mortos  
que voam para trás)  
ou mesmo uma casa

onde a velocidade da cozinha  
não é igual à da sala (aparentemente imóvel  
nos seus jarros e bibelôs de porcelana)  
nem à do quintal  
escancarado às ventanias da época

e que dizer das ruas  
de tráfego intenso e da circulação do dinheiro  
e das mercadorias  
desigual segundo o bairro e a classe, e da  
rotação do capital  
mais lenta nos legumes  
mais rápida no setor industrial, e  
da rotação do sono  
sob a pele,

do sonho  
nos cabelos?

e as tantas situações da água nas vasilhas  
(pronta a fugir)

a rotação  
da mão que busca entre os pentelhos  
o sonho molhado os muitos lábios  
do corpo  
que ao afago se abre em rosa, a mão  
que ali se detém a sujar-se  
de cheiros de mulher,  
e a rotação  
dos cheiros outros  
que na quinta se fabricam  
junto com a resina das árvores e o canto  
dos passarinhos?

Que dizer da circulação  
da luz solar  
arrastando-se no pó debaixo do guarda-roupa  
entre sapatos?  
e da circulação

dos gatos pela casa  
dos pombos pela brisa?  
e cada um desses fatos numa velocidade própria  
sem falar na própria velocidade  
que em cada coisa há  
                        como os muitos  
sistemas de açúcar e álcool numa pêra  
                        girando  
todos em diferentes ritmos  
                                (quase  
se pode ouvir)  
                                e compondo a velocidade geral  
que a pêra é

do mesmo modo que todas essas velocidades mencionadas  
compõem  
(nosso rosto refletido na água do tanque)  
o dia  
que passa  
— ou passou —  
na cidade de São Luís.

E do mesmo modo  
que há muitas velocidades num  
só dia  
e nesse mesmo dia muitos dias  
assim  
não se pode também dizer que o dia  
tem um único centro  
(feito um caroço  
ou um sol)  
porque na verdade um dia  
tem inumeráveis centros  
como, por exemplo, o pote de água  
na sala de jantar  
ou na cozinha  
em torno do qual  
desordenadamente giram os membros da família.

E se nesse caso  
é a sede a força de gravitação  
outras funções metabólicas  
outros centros geram  
como a sentina  
a cama

ou a mesa de jantar  
(sob uma luz encardida numa  
porta-e-janela da Rua da Alegria  
na época da guerra)  
sem falar nos centros cívicos, nos centros  
espíritas, no Centro Cultural  
Gonçalves Dias ou nos mercados de peixe,  
colégios, igrejas e prostíbulos,  
outros tantos centros do sistema  
em que o dia se move  
(sempre em velocidades diferentes)  
sem sair do lugar.

Porque  
quando todos esses sóis se apagam  
resta a cidade vazia  
(como Alcântara)  
no mesmo lugar.

Porque  
diferentemente do sistema solar  
a esses sistemas  
não os sustém o sol e sim

os corpos  
que em torno dele giram:  
não os sustém a mesa  
mas a fome  
não os sustém a cama  
e sim o sono  
não os sustém o banco  
e sim o trabalho não pago

E essa é a razão por que  
quando as pessoas se vão  
(como em Alcântara)  
apagam-se os sóis (os  
potes, os fogões)  
que delas recebiam o calor

essa é a razão  
por que em São Luís  
donde as pessoas não se foram  
ainda neste momento a cidade se move  
em seus muitos sistemas  
e velocidades  
pois quando um pote se quebra  
outro pote se faz



outra cama se faz  
outra jarra se faz  
outro homem  
se faz  
para que não se extinga  
o fogo  
na cozinha da casa

O que eles falavam na cozinha  
ou no alpendre do sobrado  
(na Rua do Sol)  
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo  
na casa vizinha, nos fundos da Movelaria  
(e vá alguém saber  
quanta coisa se fala numa cidade  
quantas vezes  
resvalam por esse intrincado labirinto  
de paredes e quartos e saguões,  
de banheiros, de pátios, de quintais  
vozes  
entre muros e plantas,  
risos,  
que duram um segundo e se apagam)

E são coisas vivas as palavras  
e vibram da alegria do corpo que as gritou  
têm mesmo o seu perfume, o gosto  
da carne  
que nunca se entrega realmente  
nem na cama

senão a si mesma  
à sua própria vertigem

ou assim  
falando  
ou rindo  
no ambiente familiar

enquanto como um rato  
tu podes ouvir e ver  
de teu buraco  
como essas vozes batem nas paredes do pátio vazio  
na armação de ferro onde seca uma parreira  
entre arames  
de tarde  
numa pequena cidade latino-americana.

E nelas há  
uma iluminação mortal  
que é da boca  
em qualquer tempo  
mas que ali  
na nossa casa  
entre móveis baratos

e nenhuma dignidade especial  
minava a própria existência.

Ríamos, é certo,  
em torno da mesa de aniversário coberta de pastilhas  
de hortelã enroladas em papel de seda colorido,  
ríamos, sim,

mas  
era como se nenhum afeto valesse  
como se não tivesse sentido rir  
numa cidade tão pequena.

O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade

mas variados são os modos  
como uma coisa  
está em outra coisa:  
o homem, por exemplo, não está na cidade  
como uma árvore está

em qualquer outra  
nem como uma árvore  
está em qualquer uma de suas folhas  
(mesmo rolando longe dela)  
O homem não está na cidade  
como uma árvore está num livro  
quando um vento ali a folheia

a cidade está no homem  
mas não da mesma maneira  
que um pássaro está numa árvore  
não da mesma maneira que um pássaro  
(a imagem dele)  
está/va na água  
e nem da mesma maneira  
que o susto do pássaro  
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem  
quase como a árvore voa  
no pássaro que a deixa

cada coisa está em outra

de sua própria maneira  
e de maneira distinta  
de como está em si mesma

a cidade não está no homem  
do mesmo modo que em suas  
quitandas praças e ruas

Buenos Aires  
maio/outubro 1975